

GAZETA DE ALAGOAS, 01 março 2015, Domingo

CAOS. Fechamento da Santa Mônica para reforma agrava problemas

## 'Todo ser humano fica revoltado com a situação'

Mães lamentam descaso durante momento que deveria ser especial

LUANA MARTINA  
REPÓRTER

Depois de episódios turbulentos, a Maternidade Escola Santa Mônica (Mesm), referência no atendimento a gestantes de alto risco e bebês prematuros, fechou as portas para reforma e transferiu a demanda para o Hospital Universitário (HU). Desde a centralização do atendimento especializado em alto risco no HU, a superlotação na unidade é frequente.

As dificuldades na Santa Mônica são antigas e um serviço de excelência para as gestantes que enfrentam complicações ao longo dos nove meses de gravidez está longe de se tornar realidade. Durante o ano de 2013, o atendimento na maternidade chegou a ser suspenso por várias vezes, em virtude da superlotação, responsável por deixar as grávidas deitadas em colchões, no chão dos corredores, à espera de um leito. No ano passado, não foi diferente. Para piorar, a maternidade fechou para reforma.

A coordenadora da maternidade do HU, Lúcia Amorim, contou que mesmo com o atendimento focado nas gestantes de alto risco, muitas mulheres de risco habitual ainda procuram o hospital.

"As nossas portas estão abertas e continuamos fazendo a triagem das gestantes. Quem não é de alto risco é encaminhada para outras maternidades e as que passam por



FOTOS: JOSÉ FERREIRA

Maria José dos Santos, de 22 anos, veio de Flexeiras para Maceió. Com pré-eclâmpsia e correndo risco, ela foi acomodada em uma cadeira, no corredor da enfermaria do HU

complicações ficam conosco. Com a Santa Mônica fechada, nós temos que conseguir atender a todas, porque esse é o único hospital que pode recebê-las. Por isso, numa enfermaria que deveria ter 12, há 25 mulheres. Independentemente de ter vaga ou não, nós não temos para onde mandar essas gestantes", explicou. Atualmente, o hospital conta com uma enfermaria que possui 12 leitos, assim como no setor de pré-parto. No andar onde funciona o pós-parto, a estrutura foi feita para 48 mulheres.

A futura mamãe que vier para a capital alagoana em busca de atendimento, cuja gravidez seja de alto risco, não terá certeza de atendimento adequado. O HU chegou ao ponto de utilizar cadeiras como leitos. Esta era a realidade da mãe de primeira viagem Maria José dos Santos, 22 anos, vinda de

Flexeiras, na última terça-feira. Depois de procurar a Maternidade Nossa Senhora da Guia, com a pressão acima do normal, foi encaminhada para o HU, por estar em pré-eclâmpsia. Instalada na cadeira 6, no corredor da enfermaria, ela reclamava do desconforto enquanto esperava para fazer um ultrassom. "Fiquei apavorada quando disseram que eu teria que vir pra cá. A cadeira é desconfortável e a barriga com mais de nove meses também não ajuda. Mas pelo menos eu sei que daqui a pouco a minha filha vai nascer", comentou.

Sala de triagem lotada, enfermarias onde não cabe mais ninguém e corredores onde mães e bebês se misturam. "Todo ser humano fica revoltado com essa situação. É um momento tão delicado e, mesmo pagando meus impostos, o serviço que eu re-

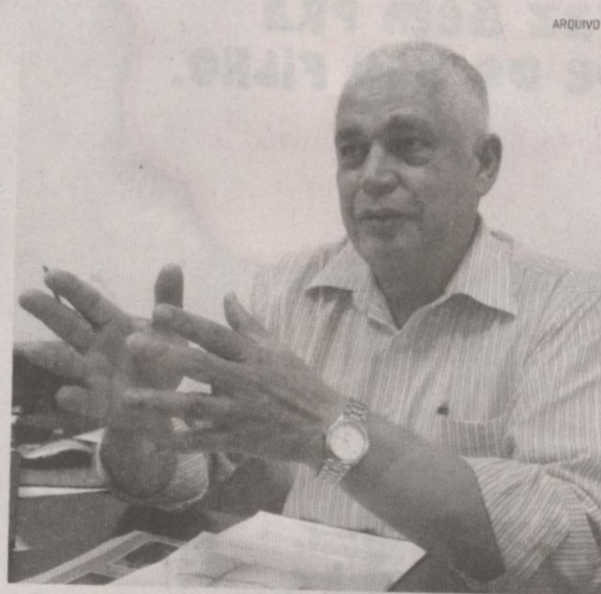
cebo é este. A alegria só aparece mesmo quando a criança nasce e quando o médico diz que a gente já pode ir embora para casa", afirmou Andreia Araújo, 35, mãe de sete filhos, que veio de Matriz do Camaragibe.

Por meio de nota, a Secretária Estadual de Saúde (Sesau) informou que Alagoas dispõe de 579 leitos obstétricos, sendo 284 deles em Maceió, o que corresponde a 47%. Com base no número de nascimentos registrados, o Estado necessitaria de 177.800 diárias obstétricas para atender à demanda de nascimentos por ano, mas tem condições de atender a 211.335 diárias, o que evidencia que o número de leitos obstétricos do Estado é superior à demanda necessária. Apesar disso, o caos nas maternidades não cessa, enquanto as gestantes não têm a quem recorrer.

## Cremal critica sucessão de erros

No caso da superlotação das maternidades – que segundo a Secretária só ocorre na capital –, esse problema ocorre não por falta de leitos suficientes, já que Maceió concentra 47% dos leitos de todo o Estado, mas porque as gestantes são enviadas para Maceió quando deveriam dar à luz nos seus municípios e regiões de origem, que também contam com um número de leitos suficiente.

Em meio a tudo isso, a Santa Mônica passa por momentos difíceis. No dia 2 de fevereiro deste ano, a maternidade transferiu para as suas instalações 18 bebês que estavam, provisoriamente, na UTI do Hospital Universitário. No dia 19 do mesmo mês, uma queda de energia deixou a maternidade, cuja reforma ainda não havia sido concluída, no escuro. O problema afetou diretamente os bebês e as mães que estavam na unidade. Depois de cinco horas de tensão e desespero, a direção autorizou a transferência dos bebês para outros hospitais. Desde então, a Santa Mônica segue interdita. E como se a situação não pudesse piorar, na segunda-feira passada, a pequena Maria Vitória, de apenas 1 mês e 13 dias, transferida para o Hospital Geral do Estado (HGE) após a falta de energia, veio a falecer por



Fernando Pedrosa, do Cremal, diz que órgão vai visitar reforma

causa de uma bactéria. A Sesau emitiu nota sobre o caso informando que a bebê já apresentava estado de saúde gravíssimo, pois, segundo a equipe médica responsável, era prematura e pesava pouco mais de um quilo. A direção da Santa Mônica assegurou que a criança recebeu assistência preconizada pelos órgãos de saúde enquanto esteve internada.

Diante da demora em realizar a transferência e da falta de energia elétrica, que desligou os aparelhos (dois geradores novos estavam encaixotados), fica difícil saber quem é responsável pela morte da menina. Ainda assim, a

Sesau aguarda o resultado do exame bacteriológico para identificar qual o tipo de bactéria causou a morte.

No dia 2 de fevereiro, quando a unidade voltou a atender, mesmo com a reforma em andamento, foi alvo de duras críticas do Conselho Regional de Medicina de Alagoas (Cremal). Para o presidente do Cremal, Fernando Pedrosa, os pacientes da maternidade não deveriam ter saído do HU até que a reforma da Santa Mônica fosse concluída. "A decisão de transferir os bebês para a Santa Mônica no meio da reforma foi precipitada. Em nenhum momento o conselho foi aciona-

do para opinar sobre a decisão, e sempre dissemos que era precipitada. Além disso, a água que alagou as salas e um gerador que não funciona provam a situação precária em que as pessoas estão sendo atendidas na maternidade".

Fernando Pedrosa explicou que a sucessão de erros fez com que os bebês transferidos para a maternidade corresse sério risco de vida. "Os bebês precisam ser acompanhados de perto, para ver como irão evoluir, e a maternidade tem que ficar fechada até que a reforma termine. Ainda assim iremos visitar as obras, porque a visita que fizemos a convite do governador, quando ele apenas olhou as salas, foi uma visita protocolar e não técnica", afirmou.

A um passo do colapso estrutural e emocional, já que os funcionários da maternidade do HU estão exaustos diante de uma situação que não apresenta melhoras, os últimos acontecimentos geraram novas definições. Desde a última quinta (26), os atendimentos passaram a ser realizados no Hospital do Açúcar, HU e HGE. Na unidade de saúde, interdita desde quinta-feira (19), ainda funcionam o setor administrativo, farmácia, almoxarifado, esterilização, banco de sangue e de leite e rouparia. **LM**